

Economia - Brasil

“Recessão, remédio intolerável”

O ministro da Desburocratização e da Assistência e Previdência Social, Hélio Beltrão, afirmou ontem, em Salvador, que “a recessão, no caso brasileiro, constitui remédio intolerável e desnecessário”. Ele fez essa declaração ao ser homenageado pelo Rotary Club da Bahia.

Segundo Beltrão, o País pode continuar a crescer e gerar empregos sem agravar o desequilíbrio cambial nem prejudicar o esforço de exportação. “Um país em que há tanta coisa por fazer não pode ficar paralisado à espera de que se resolva o problema, de suas contas externas. Sem subestimar a gravidade do problema, estamos certos de que ele se há de resolver não só porque o Brasil é um país gritantemente viável como também porque o equacionamento da dívida interessa à própria estabilidade do sistema político e financeiro internacional, dentro do quadro traçado na ONU, com extrema felicidade, pelo presidente Figueiredo.”

Apesar do “extraordinário avanço” realizado sobre o passado, afirmou Beltrão, “a maioria dos brasileiros não dispõe de condições mínimas de bem-estar; ainda padece de carencias essenciais no tocante à alimentação, educação, saúde, saneamento, habitação, vestuário e transporte coletivo”.

Diante desse quadro, sugeriu o ministro, “o caminho certo a seguir é o da satisfação dessas necessidades básicas”. Paradoxal-



Hélio Beltrão

mente, explicou o ministro, um dos maiores trunfos do País reside na enormidade de suas deficiências. “Por outras palavras, a eliminação da pobreza poderá constituir o novo motor de nosso desenvolvimento, dotado de infinitas possibilidades.”

Para Beltrão, “é hora de direcionar com mais nitidez os esforços do governo e das empresas nacionais para a tarefa prioritária de elevar substancialmente a oferta dos bens e serviços essenciais ao consumo popular”. Com o atendimento prioritário ao social, segundo o ministro, se atenderá simultaneamente ao econômico, porque essa orientação implicará aumentar o nível de emprego sem pressionar as importações.

As crises de balanço de pagamentos, disse Beltrão, sempre tiveram entre nós pelo menos duas consequências benéficas: a consciência mais nítida de nos-

sos problemas e o consenso mais fácil sobre a maneira de resolvê-los. “Duas coisas que dificilmente acontecem na hora da abundância”, garantiu.

Beltrão, no início de seu pronunciamento, rememorou palavras que ele mesmo disse há dois anos e sustentou que continuam válidas: “É hora de somar”.